

# *In Medio Orbe (II)*

---

*Personajes y avatares de la I Vuelta al Mundo*

Actas del II Congreso Internacional sobre la I Vuelta al Mundo,  
celebrado en Sanlúcar de Barrameda (Cádiz)  
los días 20 y 21 de septiembre de 2017



## ***In medio Orbe (II)***

### ***Personajes y avatares de la I Vuelta al Mundo***

Actas del II Congreso Internacional sobre la I Vuelta al Mundo,  
celebrado en Sanlúcar de Barrameda (Cádiz)  
los días 20 y 21 de septiembre de 2017

CONSEJERO DE CULTURA  
Miguel Ángel Vázquez Bermúdez

ALCALDE DE SANLÚCAR DE BARRAMEDA  
Víctor Mora Escobar

ALCALDE DE SEVILLA  
Juan Espadas Cejas

VICECONSEJERA DE CULTURA  
Marta Alonso Lappí

SECRETARIA GENERAL DE CULTURA  
M<sup>ª</sup> Cristina Saucedo Baro

COORDINADOR CIENTÍFICO DEL CONGRESO Y EL LIBRO  
Manuel J. Parodi Álvarez

Edita:

JUNTA DE ANDALUCÍA. Consejería de Cultura

Colabora:

Ayuntamiento de Sanlúcar de Barrameda (Cádiz)

© DE LA EDICIÓN

JUNTA DE ANDALUCÍA  
Consejería de Cultura

© DE LOS TEXTOS

Sus autores o los titulares de los mismos

© DE LAS OBRAS PLÁSTICAS

Los titulares de las mismas

FOTOGRAFÍAS

Los autores

DISEÑO GRÁFICO

Artefacto

Sevilla, 2017

In Medio Orbe (II) : personajes y avatares de la I Vuelta al Mundo (ID 4774)

ISBN: 978-84-9959-279-4

DEPÓSITO LEGAL: SE 2418-2017

IMPRIME: Kadmos

AGRADECIMIENTOS

A todas aquellas personas, entidades, instituciones y colectivos que han hecho posible este volumen, y que colaboran activa y decididamente en pro de la Conmemoración del V Centenario de la I Vuelta al Mundo.

# Índice

## INTRODUCCIÓN

- 10 Manuel J. Parodi Álvarez, coordinador del Congreso  
*II Congreso “In Medio Orbe”. Sanlúcar de Barrameda,  
20 y 21 de septiembre de 2017. Breve crónica*

## PONENCIAS

- 19 Rui Loureiro  
*Fernão de Magalhães em Portugal*
- 31 Juan Gil  
*Los hombres y el rol del viaje de Magallanes*
- 59 Consuelo Varela  
*Los supervivientes del viaje de Magallanes-Elcano*
- 65 F. Borja Aguinagalde Olaizola  
*El archivo personal de Juan Sebastián de Elcano (1487 – 1526), marino de Getaria*
- 95 Carmen Borrego Plá  
*La tierra era redonda: revoluciones e intercambios en la alimentación entre dos mundos*
- 103 Rafael Rodríguez-Ponga Salamanca  
*La lengua española y las consecuencias lingüísticas de la primera vuelta al mundo*
- 111 Francisco Pérez Aguilar  
*Fernando de Magallanes un marino para la historia  
(Sabrosa 1480-Mactán 1521)*
- 125 Verónica Gómez Fernández  
*“El atún del duque en la primera vuelta al mundo. Antes de La Chanca”*

- 131 Juan Guilmaín Alonso  
*“La espada es el fundamento de todos los escudos”. La Esgrima hispalense en el Quinientos*
- 143 Antonio Aragón Fernández  
*Economía predatoria en el entorno del Golfo de Cádiz en la época de la vuelta al mundo (1500-1540)*
- 167 María del Carmen Maestre Mejías  
*El jardín de la vuelta al mundo. Un laberinto de la flora universal en el Palacio de Orléans de Sanlúcar de Barrameda.*
- 179 Manuel Jesús Parodi Álvarez  
*La Sanlúcar anterior a la vuelta al mundo.  
Una ciudad en transformación*
- 209 Mercedes Ramírez Rodríguez  
*La Huella de 1519 en 2019. Monumentos y edificios emblemáticos*
- 225 Juan Manuel Piñero Palacios  
*Estudio sobre el conflicto de la barra: el Muelle de la Riza y sus consecuencias.*
- 243 José María Hermoso Rivero  
*La epidemia de peste de 1569 en Sanlúcar de Barrameda.  
Un tiempo de crisis en la capital de los duques de Medina Sidonia.*
- 257 Antonio Romero Dorado  
*Las relaciones artísticas entre el Emperador Carlos V y los duques de Medina Sidonia hacia los años de la Expedición de Magallanes y Elcano: los bustos-relicario del séquito de Santa Úrsula y las Once Mil Vírgenes*

# FERNÃO DE MAGALHÃES

## *em Portugal*

Rui Manuel Loureiro<sup>1</sup>

Cumprem-se em 2017 cinco séculos sobre a data da chegada de Fernão de Magalhães a Sevilha, onde entrou a 20 de Outubro de 1517. O fidalgo português abandonava Portugal em conflito aberto com el-rei D. Manuel I (r.1495-1521), que lhe recusara a recompensa solicitada pelos muitos anos de serviços dedicados à coroa lusitana. Nos anos seguintes, Magalhães iria procurar o patrocínio de Carlos I de Espanha (r.1516-1556) para o seu projecto de alcançar as ilhas orientais das especiarias por uma rota ocidental, evitando navegar nas zonas que o Tratado de Tordesilhas decretara de influência portuguesa. Tratava-se, nem mais nem menos, de retomar o projecto de Cristóvão Colombo, mas agora com novas bases, e a partir de um conhecimento europeu, e sobretudo português, da geografia da Ásia mais oriental.

Os anos espanhóis da vida de Magalhães, desde a chegada a Sevilha em 1517 até à sua morte na longínqua ilha de Mactan três anos e meio mais tarde, estão extremamente bem documentados, pois associam-se à primeira viagem de circum-navegação do globo terrestre, um dos eventos mais marcantes do século XVI.<sup>2</sup> Mas a minha intervenção neste congresso aponta para o lado obscuro do percurso do grande navega-

dor, isto é, tentar traçar um quadro sintético, informado e actualizado da biografia de Fernão de Magalhães antes da sua chegada a Espanha. O que não é tarefa fácil, como é sabido, pois, tal como aconteceu com muitos outros portugueses que foram protagonistas das grandes navegações quatrocentistas e quinhentistas (como Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama ou Pedro Álvares Cabral), a vida de Magalhães quase não deixou rasto na documentação coetânea anterior a 1517. E tratava-se de um personagem menor, da pequena nobreza lusitana, sem especial destaque ou relevância social que chamasse a atenção de relatores ou cronistas.

Como nota prévia, devo indicar que existem hoje diversos estudos fundamentais para o estudo da vida e da obra de Magalhães, que facilitam a tarefa dos investigadores e de outros leitores interessados. Da bibliografia mais recente, salientaria apenas três títulos:

- Em primeiro lugar, o estudo de José Manuel Garcia sobre *A viagem de Fernão de Magalhães e os portugueses*, publicado em Lisboa em 2007, e que é a abordagem mais sistemática e mais actualizada da vida do navegador português, com base em documentos e em crónicas portuguesas.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Investigador do CHAM, FCSH-UNL & UAç.

<sup>2</sup> Ver a biografia de Tom Joyner, *Magellan*, Camden, ME, International Marine Publishing, 1992, que apresenta uma excelente síntese da documentação e da bibliografia disponíveis. Merece ainda consulta atenta a síntese já antiga do Visconde de Lagoa, *Fernão de Magalhães (A sua vida e a sua viagem)*, 2 vols., Lisboa, Seara Nova, 1938.

<sup>3</sup> José Manuel Garcia, *A viagem de Fernão de Magalhães e os portugueses*, Lisboa, Editorial Presença, 2007.

- Depois, a colectânea *Le voyage de Magellan*, numa edição de Xavier Castro, Jocelyne Hamon e Luís Filipe Thomaz, publicada em Paris em 2007, que reúne todos os relatos sobre a célebre viagem ideada por Magalhães, complementados por extensas e eruditas anotações.<sup>4</sup>
- Enfim, em terceiro lugar, a obra extremamente inovadora de Juan Gil sobre *El exilio portugués en Sevilla*, publicada em Sevilha em 2009, que inclui um capítulo específico dedicado a Fernão de Magalhães, o qual utiliza um alargadíssimo conjunto de documentos de arquivo.<sup>5</sup>

Com base nestas três obras é possível hoje conhecer de forma assaz rigorosa e documentada o percurso biográfico do grande navegador ibérico. Mesmo assim, relativamente ao período português da vida do navegador, continuam a existir numerosas dúvidas.

Começemos pelo problema da controversa naturalidade de Fernão de Magalhães.<sup>6</sup> Diversas localidades portuguesas têm sido apontadas em algum momento como berço do célebre navegador, e nomeadamente Ponte da Barca, Ponte de Lima, Sabrosa e Porto.<sup>7</sup> Na realidade, Fernão de Magalhães terá nascido na região do Porto, e muito provavelmente em Gaia, na margem sul do rio Douro, como sugerem alguns documentos de arquivos hispalenses subscritos pelo próprio navegador, e entre estes o seu testamento, os quais foram recentemente estudados.<sup>8</sup> Entretanto, dois testemunhos portugueses um pouco mais tardios, um já conhecido, outro ainda inédito, mas ambos merecedores de toda a atenção,

confirmam a hipótese de ter sido o Porto a cidade de origem do celebrado navegador.

Em primeiro lugar, temos o testemunho bem conhecido de Fernando Oliveira, um curioso aventureiro e escritor português do século XVI, que geralmente se mostra muito bem informado sobre questões marítimas e náuticas. Por volta de 1570, Oliveira preparou uma cópia comentada do relato de viagem de um anónimo participante da expedição magalhânica, que é conhecido como *Viagê de Fernão de Magalhães, escripta por hũ homem que foy na cõpanhia*. O manuscrito original conserva-se na biblioteca universitária de Leiden, na Holanda, e foi repetidamente publicado.<sup>9</sup> A determinado passo, Fernando Oliveira escreve que:

«Antre os portugueses que descobrirão Maluco foy hum chamado Fernão de Magalhães, natural da cidade do Porto em Portugal. Este era da geração dos Magalhães gente honrada e nobre : e era criado del rey em foro de moço de camara».<sup>10</sup>

O segundo testemunho relativo à naturalidade de Magalhães conserva-se num manuscrito de uma biblioteca lisboeta, e tanto quanto sei nunca foi até à data divulgado.<sup>11</sup> Trata-se de uma curiosíssima obra intitulada *Libro das antiguidades e cousas notaveis de antre Douro e Minho, e de outras m[ui]tas de España e Portugal*, da autoria do Dr. João de Barros, e composto em 1549.<sup>12</sup> O Dr. João de Barros é um humanista lusitano pouco conhecido, que não deve ser confundido com o seu homónimo, João de Barros, o grande cronista portu-

<sup>4</sup> *Le voyage de Magellan: La relation d'Antonio Pigafetta et autres témoignages*, ed. Xavier Castro, Jocelyne Hamon & Luís Filipe Thomaz, 2 vols., Paris, Éditions Chandeigne, 2007.

<sup>5</sup> Juan Gil, *El exilio portugués en Sevilla: De los Braganza a Magallanes*, Sevilha, Fundación Cajasol, 2009.

<sup>6</sup> A respeito desta questão, ver Amândio Morais Barros, *A Naturalidade de Fernão de Magalhães*, Porto, Edições Afrontamento, 2009, e também Irene da Silva Dantas, *Entre Memórias: a questão da naturalidade de Fernão de Magalhães*, Braga, Universidade do Minho, 2012.

<sup>7</sup> Destaque especial merece o município de Sabrosa, no norte interior de Portugal, que logrou ocupar um lugar de destaque na imaginação popular como a terra de origem de Magalhães; de tal forma que o anterior presidente da Câmara deste município dirige hoje a comissão inter-ministerial que em Portugal está a organizar as comemorações da primeira viagem de circum-navegação; ora, como é sabido desde há muito, a hipótese de Sabrosa baseia-se num documento falso. Ver a análise desta questão em *Le voyage de Magellan*, vol. I, pp. 312-315.

<sup>8</sup> Gil, *El exilio portugués*, pp. 251-252.

<sup>9</sup> Ver a edição de Pierre Valière, *Le voyage de Magellan raconté par un homme qui fut en sa compagnie*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1976, que inclui um fac-símile do manuscrito.

<sup>10</sup> Valière, *Le voyage de Magellan*, pp. 27-28.

<sup>11</sup> Agradeço a informação sobre este dado ao meu colega José Manuel Garcia.

<sup>12</sup> Biblioteca Nacional de Portugal, Códice 216; o manuscrito está disponível na Biblioteca Nacional Digital, em <http://purl.pt/26460> [acesso em 08-09-2017].

guês do século XVI.<sup>13</sup> Conservam-se hoje dois manuscritos desta obra, um deles na Biblioteca Municipal do Porto, datado de 1548, que foi já publicado, mas que não contém qualquer referência a Fernão de Magalhães.<sup>14</sup> É no segundo manuscrito desta obra, que não é exactamente idêntico ao primeiro, e que se conserva na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, que surge a indicação referente à naturalidade do navegador português numa descrição relativa à cidade do Porto. Com efeito, refere o Dr. João de Barros que:

«Os homens desta Cidade são polla mor parte muito espertos na arte do marear e se fazem aly grandez naos, e nauios, e daly foi natural o Magalhais que achou outro caminho pera a India que foj homem habilissimo».<sup>15</sup>

Sabemos, pois, com alguma certeza, onde terá nascido Fernão de Magalhães. E, inferindo a partir do percurso posterior, costuma situar-se a data do seu nascimento por volta de 1480, mas sem qualquer confirmação documental. As fontes genealógicas portuguesas dos séculos XVIII e XIX fazem numerosas referências à família Magalhães e aos seus diversos ramos. Mas no imenso labirinto constituído pelos *nobiliários* portugueses, que frequentemente prescindem de referências cronológicas, é muito difícil encontrar rasto seguro do nosso Fernão de Magalhães.<sup>16</sup> Uma investigação recente, que resume toda uma série de tentativas anteriores, apresenta uma hipotética reconstituição da árvore genealógica do navegador português, que seria

filho de Rui de Magalhães, alcaide-mor do castelo de Aveiro nos últimos anos do século XV, e de sua mulher Alda ou Aldonça de Mesquita.<sup>17</sup>

De resto, nada mais se consegue apurar sobre os primeiros anos de vida de Magalhães. Um testemunho bastante mais tardio, consignado na *Conquista de las islas Malucas* do cronista espanhol Bartolomé Leonardo de Argensola, obra publicada em 1609 em Madrid, refere a determinado passo que «Criose Magallanes en seruicio de la Reyna doña Leonor, despues siruiò al Rey don Manuel».<sup>18</sup> D. Leonor de Viseu foi casada com o rei D. João II de Portugal (r.1481-1495) e era irmã do rei D. Manuel I de Portugal. Não é impossível que Magalhães a tivesse servido; contudo, as investigações realizadas sobre a sua Casa, que incluem muitas dezenas de outros nomes, não revelaram qualquer traço do navegador português.<sup>19</sup> Como hipótese de trabalho – e sabendo das ligações que Magalhães mais tarde manteve com a casa de Bragança – poderia eventualmente admitir-se que houve da parte de Argensola alguma confusão de nomes, e que Fernão de Magalhães fora na realidade criado de outra ‘Leonor’. E assim a referência poderia reportar-se a D. Leonor de Mendoza, filha do III duque de Medina Sidonia, que foi a primeira e infelizmente mulher de D. Jaime, duque de Bragança, e que em 1512 foi morta pelo próprio marido, por suspeitas de adultério.<sup>20</sup>

A primeira notícia segura que temos sobre Fernão de Magalhães é que nos primeiros anos do século XVI era ‘morador’ da casa real, estando

<sup>13</sup> Trata-se de um autor muito pouco estudado; ver António Baião, *Documentos inéditos sobre João de Barros, sobre o escritor seu homónimo contemporâneo, sobre a família do historiador e sobre os continuadores das suas “Decadas”*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1917.

<sup>14</sup> Ver João de Barros, *Geographia d’Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes*, ed. João Grave, Porto, Biblioteca Pública Municipal, 1919.

<sup>15</sup> BNP, Códice 216, fl. 60r.

<sup>16</sup> A respeito da família Magalhães, ver Manuel Villas-Boas, *Os Magalhães: Sete séculos de aventura*, Lisboa, Editorial Estampa, 1998. Pode ver-se uma actualizada síntese da questão, com referências bibliográficas amplas, em *Le voyage de Magellan*, vol. I, pp. 306-311.

<sup>17</sup> *Le voyage de Magellan*, vol. I, p. 311.

<sup>18</sup> Bartolomé Leonardo de Argensola, *Conquista de las islas de Maluco*, Madrid, Alonso Martín, 1609, p. 6 (existe uma edição recente: *Conquista de las Islas Malucas*, ed. Glória Cano, Madrid, Miraguano Ediciones / Ediciones Polifemo, 2010).

<sup>19</sup> Para uma análise da casa de D. Leonor, ver Ivo Carneiro de Sousa, *A Rainha D. Leonor (1485-1525): Poder, Misericórdia, Religiosidade e Espiritualidade no Portugal do Renascimento*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002, pp. 843-872.

<sup>20</sup> Sobre D. Jaime, ver Maria de Lurdes Rosa, “D. Jaime, Duque de Bragança: Entre a Cortina e a Vidraça”, in Diogo Ramada Curto (ed.), *O Tempo de Vasco da Gama*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses / Difel, 1998, pp. 319-332. A respeito do controverso episódio, ver Maria Paula Anastácio Gonçalves, *A Senhora Duquesa e o Pajem: Um Caso de Adultério na Aristocracia Quinhentista*, Lisboa, Chiado Editora, 2013.

pois ao serviço de el-rei D. Manuel I. Com efeito, é nessa qualidade que aparece nas listagens de homens que em Março de 1505 embarcam na grande armada de D. Francisco de Almeida, nobre português que ia investido no cargo de primeiro vice-rei do nascente Estado da Índia.<sup>21</sup> Desde a histórica viagem de Vasco da Gama, em 1498, que a coroa portuguesa estava a construir no Oriente um informal império, constituído por dispersos estabelecimentos costeiros, onde eram fundadas feitorias e fortalezas, que eram protegidas por navios poderosamente armados. A partir destas bases, os portugueses pretendiam intervir no tráfico das mais valiosas mercadorias orientais, canalizando-as para a Europa através da recém-aberta rota do Cabo. Anualmente, pois, largavam do Tejo sucessivas armadas, que transportavam de Portugal para a Índia meios técnicos e materiais, assim como renovados contingentes de homens, que iam colaborar na consolidação do nascente Estado da Índia. Fernão de Magalhães, tal como muitos outros jovens oriundos da pequena nobreza lusitana, embarcava para a Índia em busca de honra e proveito. E durante os oito anos seguintes viajaria extensamente por toda a Ásia marítima, participando nas expedições navais e nas campanhas militares organizados pelas autoridades portuguesas.

Na armada de D. Francisco de Almeida viajava o feitor Hans Mayr, representante de interesses mercantis alemães, que escreveu um pormenorizado relato da viagem, descrevendo as diversas escalas efectuadas ao longo da costa oriental de África, nomeadamente em Quíloa, onde foi construída uma fortaleza, e também em Mombaça.<sup>22</sup> Mas o relato do alemão, que faz parte do chamado *Código Valentim Fernandes*, actualmente conservado em Munique, não inclui qualquer menção a Magalhães, que não

se terá destacado em nenhuma das diversas acções bélicas desencadeadas pelos portugueses. Muito provavelmente, o navegador português viajaria na nau *São Bartolomeu*, que era capitaneada por João Serrão,<sup>23</sup> que poderia ser familiar de Francisco Serrão, um homem com quem Magalhães haveria de manter um duradouro relacionamento. A armada portuguesa seguiria depois para a costa ocidental da Índia, aportando nomeadamente a Cananor em Outubro de 1505, e um pouco mais tarde a Cochim, cidades portuárias onde D. Francisco de Almeida negociou com as autoridades locais a construção de fortalezas portuguesas.<sup>24</sup>

Nada se consegue apurar sobre as actividades de Magalhães durante o ano de 1506, mas de certo teria participado nos combates navais contra as forças da cidade de Calecute, nos quais se destacou Francisco Serrão. O cronista português Gaspar Correia, que viveu na Índia a partir de 1512, e que mais tarde escreveria as *Lendas da Índia*, uma volumosa e documentada história do primeiro meio século de presença portuguesa no Oriente que na época ficou manuscrita, refere-se a «Fernão de Magalhães, que em Calecut fôra muyto ferido».<sup>25</sup> O episódio, que redundou numa vitória portuguesa sobre a frota de Calecute, merece alguma atenção.<sup>26</sup> Depois da partida da armada portuguesa de Cochim, com rumo a Lisboa, em Dezembro de 1505, alarmantes notícias chegaram à fortaleza portuguesa de Cananor. Um viajante italiano que vivera em Calecute durante uma temporada juntou-se aos portugueses, alertando-os para um iminente ataque do Samorim desta cidade indiana, que desde a primeira hora se revelara hostil à presença lusitana. Em Cananor encontrava-se então D. Lourenço de Almeida, filho do Vice-rei, que de imediato enviou para Cochim, a bordo de um

<sup>21</sup> A notícia aparece na «Ementa da Casa da Índia», in *Documentos sobre os Portugueses em Moçambique e na África Central*, ed. António da Silva Rêgo & outros, 9 vols., Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos / Instituto de Investigação Científica Tropical, 1962-1989, vol. I, p. 110.

<sup>22</sup> Ver Hans Mayr, «Viagem e cousas de dom Francisco viso rey da Jndia», in *Código Valentim Fernandes*, ed. José Pereira da Costa, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1997, pp. 344-361.

<sup>23</sup> Ver Paulo Guinote, Eduardo Frutuoso & António Lopes, *As Armadas da Índia, 1497-1835*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2002, p. 86.

<sup>24</sup> Sobre a carreira do primeiro vice-rei, ver Joaquim Candeias Silva, *O Fundador do “Estado Português da Índia” D. Francisco de Almeida, 1457(?)–1510*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses / Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996.

<sup>25</sup> Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, ed. Manuel Lopes de Almeida, 4 vols., Porto, Lello & Irmão, 1975, vol. II, p. 28.

<sup>26</sup> Sobre este episódio militar, ver Armando Saturnino Monteiro, *Batalhas e Combates da Marinha Portuguesa*, 8 vols., Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1989-1997, vol. I, pp. 137-142.



navio comandado por João Serrão, o trânsfuga italiano, que não era outro senão Ludovico de Varthema.<sup>27</sup> Aqui temos mais uma hipótese de trabalho: Fernão de Magalhães, que provavelmente andaria embarcado com João Serrão, travou então conhecimento com o viajante italiano. Anos mais tarde, e de acordo com o cronista espanhol Francisco López de Gómara na sua *Historia general de Indias*, originalmente publicada em Saragoça em 1552, durante a sua entrevista com Carlos I o navegador português teria na mão «la relación de Luis Berthoman, boloñes»,<sup>28</sup> quer dizer, a edição do *Itinerario* de Ludovico de Varthema, provavelmente aquela que foi impressa em Sevilha em 1517 por Jacob Cromberger.

Um documento de Dezembro de 1506 refere que o Vice-Rei português despachara pouco antes para a costa oriental de África uma expedição comandada por Nuno Vaz Pereira, na qual se integrou «Fernam de Magalhaes».<sup>29</sup> Durante cerca de um ano este contingente naval deu apoio aos estabelecimentos portugueses de Sofala, Quíloa e Melinde, ajudando a consolidar a presença lusitana naquela região, especialmente importante por permitir o acesso ao trato de ouro do Monomotapa. Nada de especial se consegue apurar sobre as actividades de Magalhães, que poderá ter comandado um bergantim. Em Outubro de 1507 Nuno Vaz Pereira estava de regresso a Cochim, de onde efectuou uma jornada à ilha de Ceilão. Embora nada o confirme, não é improvável que Magalhães o acompanhasse, pois era habitual as guarnições portuguesas manterem uma ligação ao mesmo comando durante períodos alargados. Curiosamente, Nuno Vaz Pereira é muito elogiado na relação de viagem de Martín Fernández de

Figuerola, que foi publicada em Salamanca em 1512. Como este último viajou na companhia do capitão português, é quase certo que se terá cruzado com Fernão de Magalhães,<sup>30</sup> conquanto não lhe faça qualquer referência.

As primeiras décadas da presença portuguesa no Oriente são minuciosamente relatadas por diversos cronistas mais tardios, que, para além do já referido Gaspar Correia, incluem sobretudo Fernão Lopes de Castanheda e João de Barros. O primeiro, que viveu na Índia entre 1528 e 1538, de regresso a Portugal publicaria em Coimbra, entre 1551 e 1561, oito livros da sua *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*.<sup>31</sup> O segundo, que desempenhou durante longos anos funções na Casa da Índia, em Lisboa, publicaria nesta cidade três *Décadas da Ásia*, entre 1552 e 1563.<sup>32</sup> Os três cronistas portugueses dedicam alguma atenção a Fernão de Magalhães, e sobretudo à parte espanhola da sua carreira. Mas nas páginas das suas obras recolhem-se também alguns indícios directos sobre as andanças do navegador português antes de 1517,<sup>33</sup> que analisaremos sumariamente, em articulação com documentos de arquivo.

Em Dezembro de 1508, Fernão de Magalhães embarcou em Cochim na grande armada que o vice-rei D. Francisco de Almeida organizou para combater no litoral noroeste da Índia uma poderosa coligação de diversos potentados indianos, apoiados por um contingente naval egípcio. Como escreve Gaspar Correia, Magalhães «foy no feito dos rumes»,<sup>34</sup> designação atribuída à batalha naval de Diu, na qual os portugueses, em Fevereiro de 1509, infligiram uma pesada derrota às forças inimigas, consolidando de forma definitiva o poder lusitano nos mares da Índia, e assegurando a

<sup>27</sup> Ludovico de Varthema, *Voyage de Ludovico di Varthema en Arabie et aux Indes orientales (1503-1508)*, trad. Paul Teyssier / ed. Luís Filipe Thomaz, Gilles Tarabout, Paul Teyssier & Gérard Troupeau, Paris, Éditions Chandeigne, 2004, pp. 242-245.

<sup>28</sup> Francisco López de Gómara, *Historia General de las Indias*, ed. Pilar Guibelede & Emiliano M. Aguilera, 2 vols., Barcelona, Editorial Iberia, 1965, vol. I, p. 160.

<sup>29</sup> *As Gavetas da Torre do Tombo*, ed. António da Silva Rêgo, 12 vols., Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960-1977, vol. X, p. 356.

<sup>30</sup> Ver uma recente edição em Martín Fernández de Figuerola & Juan Agüero de Trasmiera, *Conquista de las Indias de Persia e Arabia que hizo la armada del rey don Manuel de Portugal*, ed. Luis Gil, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1999.

<sup>31</sup> Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, ed. Manuel Lopes de Almeida, 2 vols., Porto, Lello & Irmão, 1979.

<sup>32</sup> João de Barros, *Da Ásia*, ed. Nicolau Pagliarini, 8 vols., Lisboa, Livraria Sam Carlos, 1973.

<sup>33</sup> Para uma síntese das informações transmitidas pela crónica portuguesa quinhentista sobre Magalhães, com amplas referências bibliográficas, ver Garcia, *A viagem de Fernão de Magalhães*, pp. 227-300.

<sup>34</sup> Correia, *Lendas da Índia*, vol. II, p. 28.

sua capacidade de intervenção no tráfico das mais valiosas mercadorias orientais.<sup>35</sup> Em meados do mesmo ano de 1509, um documento de arquivo atesta que Magalhães se encontrava em Cochim, onde recebeu uma parte do seu soldo.<sup>36</sup> Verificamos, pois, que no espaço de cerca de quatro anos, Fernão de Magalhães circulou incessantemente pelas margens da parte ocidental do Índico, participando em numerosas expedições navais e combatendo em diversos recontros bélicos. Teve assim oportunidade de adquirir larga experiência náutica e militar, muito embora, do ponto de vista das fontes coetâneas, praticamente não se tivesse destacado do anonimato.

Magalhães passaria agora à segunda fase da sua carreira oriental, pois em Agosto de 1509 embarcou em Cochim, juntamente com Francisco Serrão, na expedição comandada por Diogo Lopes de Sequeira. Este fidalgo lusitano, que acabava de chegar de Portugal, trazia instruções explícitas para se dirigir a Malaca, a fim de efectuar um reconhecimento das regiões asiáticas mais orientais. Todas as notícias entretanto recolhidas pelos portugueses indicavam que as mais valiosas drogas e especiarias eram oriundas da Ásia do Sudeste, pelo que a coroa lusitana estava especialmente interessada em fundar um entreposto naquela importante cidade portuária da Península Malaia. Durante alguns meses, os portugueses permaneceram em Malaca, negociando um acordo com as autoridades locais, intercambiando mercadorias e, sobretudo, recolhendo informações de natureza estratégica. Mas na sequência de um inesperado ataque à feitoria lusitana e aos navios portugueses, Diogo Lopes de Sequeira foi obrigado a bater em retirada, deixando em Malaca um grupo de prisioneiros. O cronista Fernão Lopes de Castanheda refere-se repetidamente a Magalhães, que teve um papel muito activo nos diversos confrontos que marcaram a retirada dos portugueses. Este

aparece retratado como um experiente homem de armas, que se destaca pela solidariedade manifestada em relação aos seus companheiros, e nomeadamente a Francisco Serrão, que em duas ocasiões de apuros se apressa a socorrer.<sup>37</sup>

De regresso à Índia em finais de 1509, referem as crónicas que Magalhães embarcou em Cochim logo no início do ano seguinte, num dos três navios que regressavam a Portugal carregados de especiarias e outros produtos orientais. Contudo, duas destas embarcações viriam a naufragar nos chamados Baixos de Pádua, junto às ilhas Lacadivas. O cronista Lopes de Castanheda destaca mais uma vez o papel determinante desempenhado por Fernão de Magalhães, que assumiu a direcção do grupo de naufragos, enquanto os capitães dos navios rumavam a Cananor em botes improvisados, em busca de socorro. Eventualmente, o grupo de portugueses seria resgatado e transportado para Cananor.<sup>38</sup> João de Barros relata o incidente, e sugere que «Fernam de Magalhães» decidira permanecer com os naufragos por lealdade «a hum seu amigo» de baixa condição social que não fora autorizado a embarcar nos primeiros botes, alusão quase certa a Francisco Serrão.<sup>39</sup> É provável que Magalhães tivesse perdido neste naufrágio muitas das suas posses, circunstância que o obrigará a continuar no Oriente durante mais alguns anos.

Entretanto, Afonso de Albuquerque assumira as funções de governador do Estado da Índia, e estava a desenvolver, ou planeava fazê-lo, operações militares em diversas regiões da Ásia marítima, no sentido de consolidar a presença portuguesa com a aquisição de diversas bases estratégicas. O incipiente império marítimo português, com Albuquerque, começava a adquirir também uma faceta territorial.<sup>40</sup> Um dos objectivos prioritários era o território de Goa, dependente do sultanato de Bijapur, que foi con-

<sup>35</sup> Sobre este episódio militar, ver José Virgílio Amaro Pissarra, *Chaul e Diu, 1508 e 1509: O Domínio do Índico*, Lisboa, Prefácio, 2002.

<sup>36</sup> Ver António Baião, “Fernão de Magalhães: dados inéditos para a sua biografia”, *Arquivo Histórico Português*, vol. III, 1905, p. 306.

<sup>37</sup> Cf. Castanheda, *História do descobrimento*, vol. I, pp. 464-473 (liv. II, caps. 114-116); e Barros, *Da Ásia*, vol. III, pp. 391-423 (década II, liv. IV, caps. 3-4), que não destaca o papel de Magalhães.

<sup>38</sup> Cf. Castanheda, *História do descobrimento*, vol. I, pp. 509-511 (liv. III, cap. 7).

<sup>39</sup> Cf. Barros, *Década*, vol. III, pp. 374-375 (década II, IV, cap. 1), que embora destaque o papel de Magalhães, aproveita para criticar a sua posterior falta de lealdade «com seu Rey, e sua patria».

<sup>40</sup> Sobre Albuquerque e o seu governo do Estado da Índia, ver Alexandra Pelúcia, *Afonso de Albuquerque: Corte, Cruzada e Império*, Lisboa, Temas & Debates, 2016.

quistado pelos portugueses na sequência de uma prolongada campanha militar desenvolvida ao longo de todo o ano de 1510.<sup>41</sup> Goa seria a partir de então a base central do Estado da Índia. Fernão de Magalhães terá decerto participado em algum momento da conquista de Goa, mas nada de especial se consegue apurar nas crónicas da época. Contudo, vários documentos de arquivo se lhe referem. Por um lado, em Setembro de 1510, Afonso de Albuquerque manda que lhe entreguem em Cananor umas coiraças e um corpo de lâminas, sinal de que Magalhães manteria funções militares de algum tipo.<sup>42</sup> Por outro lado, o navegador lusitano participa em Outubro do mesmo ano, em Cochim, num conselho de «todolos capitães del Rey», reunido por Albuquerque para discutir a conquista de Goa, o que significa que estaria incumbido do comando de algum tipo de embarcação.<sup>43</sup>

O parecer de Magalhães é assaz interessante, e revela uma sua curiosa faceta mercantil. O navegador português pronuncia-se contra a utilização no assalto a Goa de «naos de carga», ou seja, de embarcações destinadas ao transporte para Portugal de mercadorias orientais. Na sua opinião, caso estes navios fossem utilizados numa campanha militar de duração incerta, não poderiam cumprir a função mercantil que lhes estava cometida a tempo de largarem de Cochim rumo à Europa em inícios do ano seguinte. Mais ainda, a mobilização dos seus tripulantes para tarefas de guerra impedi-los-ia de dar eficaz cumprimento ao carregamento das mesmas naus: «lhe nom fiqavaa tempo pera empregarem seus dinheiros nem fazerem nada do que lhe era necesario pera sua viagem».<sup>44</sup> Foi já sugerido que este parecer teria desagradado a Albuquer-

que,<sup>45</sup> indispondo-o contra Magalhães, mas tal não é certo, tanto mais que numerosos outros capitães presentes no conselho expressaram idêntica opinião. Parece certo, contudo, que o navegador português teria feito algum investimento na carga de retorno das naus da Índia.<sup>46</sup>

Fosse como fosse, Fernão de Magalhães embarcou em meados de 1511 na armada que Afonso de Albuquerque levou a Malaca e que, após fracassadas conversações com as autoridades do sultanato, levou a cabo a conquista daquela cidade malaia em Agosto desse mesmo ano. Com ele embarcou também o seu amigo Francisco Serrão. Albuquerque prosseguia o seu projecto imperial de estabelecer bases fortificadas portuguesas em lugares estratégicos da Ásia marítima, de forma a permitir uma intervenção global e sistemática nos principais tráficos orientais. E Malaca abria as portas para a Insulíndia e também para as regiões que bordejavam o Mar do Sul da China, onde se situavam os locais de produção de muitas das mais valiosas mercadorias orientais procuradas pelos portugueses. Logo após a conquista de Malaca, e depois de iniciada a construção da fortaleza portuguesa, Albuquerque despachou emissários rumo a diversos outros destinos, com vista a assegurar a manutenção de ligações mercantis pacíficas e regulares.<sup>47</sup>

Rumo ao arquipélago de Maluco, de onde provinham especiarias tão valiosas como o cravinho, a noz-moscada e a maçã, seguiu uma armada de três navios comandada por António de Abreu, que largou de Malaca em finais de 1511.<sup>48</sup> Esta expedição tem sido repetidamente analisada, e bastará aqui retomar alguns dados essenciais. António de Abreu, depois de costear

<sup>41</sup> A respeito desta campanha militar, ver João Paulo Oliveira e Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *Conquista de Goa, 1510-1512*, Lisboa, Tribuna da História, 2008.

<sup>42</sup> Cf. *Cartas de Afonso de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam*, ed. R. A. Bulhão Pato & Henrique Lopes de Mendonça, 7 vols., Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1884-1935, vol. I, pp. 287-289.

<sup>43</sup> Cf. *Cartas de Afonso de Albuquerque*, vol. II, pp. 6-7.

<sup>44</sup> *Cartas de Afonso de Albuquerque*, vol. II, p. 6.

<sup>45</sup> Ver Garcia, *A viagem de Fernão de Magalhães*, p. 24.

<sup>46</sup> Conservam-se documentos relativos a um conflito derivado de um empréstimo feito por Magalhães em Outubro de 1510 a um tal Pedro Anes Abraldez; ver Garcia, *A viagem de Fernão de Magalhães*, pp. 31-37.

<sup>47</sup> A respeito dos primeiros tempos da presença portuguesa em Malaca, ver Luís Filipe Thomaz, *Early Portuguese Malacca*, trad. Manuel Joaquim Pintado & Maria Pia Mozart Silveira, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses / Instituto Politécnico de Macau, 2000.

<sup>48</sup> Ver uma síntese da viagem em Armando Cortesão, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1978, pp. 82-88. Ver também *Le voyage de Magellan*, pp. 45-49; e Garcia, *A viagem de Fernão de Magalhães*, pp. 38-59.

a feira de ilhas que de Java se estende para leste, visitou os arquipélagos de Amboíno e de Banda, para depois regressar a Malaca na segunda metade de 1512, com detalhadas informações geográficas, e nomeadamente com os esboços cartográficos e os desenhos panorâmicos preparados durante a viagem pelo piloto Francisco Rodrigues.<sup>49</sup> O capitão de uma das embarcações era Francisco Serrão, que, na sequência de um naufrágio junto à ilha de Madura, conseguiu atingir as ilhas de Maluco propriamente ditas a bordo de embarcações locais, aí se fixando até à sua morte em 1521. Especula-se se Fernão de Magalhães teria participado nesta expedição, e à falta de um testemunho inequívoco, podem ser invocados diversos argumentos nesse sentido.

- Primeiro, nas muitas dezenas de documentos produzidos em Malaca durante os anos de 1511 e 1512, que reportam as vicissitudes da fundação e da gestão do novo estabelecimento português, não se encontra qualquer referência a Magalhães, o que poderia significar que ele estava ausente daquela cidade portuária.
- Depois, Fernão Lopes de Castanheda, numa passagem da sua crónica respeitante às ilhas de Maluco, refere «que ho mesmo Fernão de Magalhães fora testemunha» da viagem de António de Abreu, «têdo a certeza ôde aquelas ilhas jazião».<sup>50</sup>
- Em terceiro lugar, o já mencionado Fernando de Oliveira refere no seu relato da viagem de circum-navegação que Magalhães era um «homẽ entendido na arte da nauegação, e cosmografia, em especial pello que aprendeo de hum seu parente chamado Gõçallo d'Oliueyra, em cuja companhia foy ter aaquella terra [de Maluco] : do qual entendeo a uerdade do sitio daquellas terras».<sup>51</sup>

- Ora, em quarto lugar, as crónicas portuguesas quinhentistas referem que Gonçalo de Oliveira, sobre o qual nada de especial se consegue apurar, era precisamente o piloto do navio em que Francisco Serrão partiu de Malaca com rumo às *ilhas das especiarias*.<sup>52</sup>

Assim, não parece impossível que Fernão de Magalhães tenha também participado na viagem às ilhas mais orientais da Insulíndia, seguindo à ida no navio de Francisco Serrão, mas regressando desde Banda com António de Abreu.<sup>53</sup> Aliás, ambos embarcaram juntos em Malaca, em Janeiro de 1513, com rumo a Cochim, de onde Magalhães e Abreu prosseguiram para Lisboa, num dos navios da carreira da Índia que dali largaram pouco depois.<sup>54</sup> Por ocasião da sua eventual viagem a Maluco, Magalhães teve oportunidade de conviver com o piloto Francisco Rodrigues, um dos grandes especialistas na cartografia das regiões mais longínquas da Ásia. E na sequência do seu regresso a Malaca, poderá ter-se cruzado com Tomé Pires, que ali exercia funções de feitor, e que estava então a redigir a sua *Suma Oriental*, o primeiro grande tratado português de geografia oriental.<sup>55</sup> Magalhães encerrava assim o seu segundo período oriental, com redobrada experiência naval e militar, e sobretudo na posse de alargados conhecimentos da geografia e da hidrografia de grandes porções da Ásia marítima. Entretanto, nada de especial se consegue apurar sobre os eventuais proventos adquiridos durante o período que medeia entre 1505 e 1513. Porém, tal como muitos dos seus contemporâneos, é absolutamente natural que Magalhães se tivesse dedicado a transacções mercantis, paralelamente à sua carreira de servidor do Estado da Índia.

Mal chegado a Lisboa, em meados de 1513, Fernão de Magalhães logo embarcou na grande armada que estava a ser preparada em Lisboa, sob o comando de D. Jaime, duque de Bragança, com

<sup>49</sup> Ver estes materiais em José Manuel Garcia, *O Livro de Francisco Rodrigues: O Primeiro Atlas do Mundo Moderno*, Porto, Editora da Universidade do Porto, 2008.

<sup>50</sup> Castanheda, *História do descobrimento*, vol. II, p. 442 (liv. VII, cap. 42).

<sup>51</sup> Valière, *Le voyage de Magellan*, pp. 26-27.

<sup>52</sup> Castanheda, *História do descobrimento*, vol. I, p. 679 (liv. III, cap. 75).

<sup>53</sup> Ver discussão desta questão em Garcia, *A viagem de Fernão de Magalhães*, pp. 23-27, e em *Le voyage de Magellan*, pp. 317-319.

<sup>54</sup> Ver Castanheda, *História do descobrimento*, vol. I, p. 742 (liv. III, cap. 102); e Barros, *Da Ásia*, vol. V, pp. 583-605 (década III, liv. V, cap. 6).

<sup>55</sup> Sobre Tomé Pires, ver Rui Manuel Loureiro, “O Sudeste Asiático na *Suma Oriental* de Tomé Pires”, *Revista de Cultura / Review of Culture*, n. 4, 2002, pp. 107-123.

vista à conquista de Azamor.<sup>56</sup> El-rei D. Manuel I prosseguia a tradicional política portuguesa de ocupação de posições sólidas no litoral marroquino. É interessante salientar esta ligação à casa de Bragança, que poderá fazer supor, como foi atrás sugerido, um anterior relacionamento com D. Jaime.<sup>57</sup> Na sequência da ocupação de Azamor pela força expedicionária portuguesa, Magalhães permanecerá durante muitos meses naquela praça marroquina, conservando-se alguns documentos que dão testemunho da sua presença.<sup>58</sup> De volta a Portugal, seria acusado de irregularidades no desempenho das funções de quadrilheiro, pelo que foi obrigado a regressar a Marrocos para esclarecer a situação. Novamente em Lisboa, ter-se-á dedicado a actividades de natureza comercial, já que existem referências a verbas por ele recebidas, oriundas de mercadorias trazidas pelas naus da carreira da Índia.<sup>59</sup> Uma hipótese sugestiva seria Magalhães ter mantido relações comerciais com Cristóbal de Haro, abastado mercador espanhol por esses anos estabelecido em Lisboa, onde estava intensamente envolvido em negócios ultramarinos, alguns dos quais respeitavam a mercadorias oriundas da Ásia mais oriental. Durante o ano de 1517, na sequência de um conflito de interesses com el-rei D. Manuel I, Cristóbal de Haro passou a Espanha, onde viria a assumir lugar de destaque no financiamento e gestão de expedições marítimas espanholas. E seria ele, pouco depois, um dos grandes impulsionadores do projecto magalhânico.<sup>60</sup>

Magalhães, entretanto, entrava também em conflito com o monarca lusitano. Como era habitual em homens de armas que retornavam a Portugal

depois de um mais ou menos prolongado período de serviços ultramarinos, dirigiu a el-rei D. Manuel I, provavelmente em 1516, um requerimento de aumento da pensão que recebia enquanto fidalgo da casa real portuguesa. Mas, por razões algo obscuras, que parecem estar ligados ao seu período marroquino, o pedido foi terminantemente recusado.<sup>61</sup> Sebastião Álvares, feitor português na Andaluzia, escreveria pouco depois que Magalhães pretendia ver a sua moradia mensal acrescentada em «cem rs. mais», ou seja, um aumento de cerca de 8%, uma soma bem pouco significativa.<sup>62</sup> Mas a recusa régia tocara fundo em Magalhães, que decidiu desde logo expatriar-se. Gaspar Correia, num Sumario da chronica del Rey D. João o 3.º, completado por volta de 1533 e que na época ficou inédito, transmite uma versão sugestiva do rompimento entre o soberano e o seu indisposto súbdito. Magalhães, perante a recusa de D. Manuel em conceder-lhe a recompensa que achava merecer, pediu-lhe «lyçemça pera hyr buscar vyda omde lhe fizessem merçe / ao que elrey respomdeio secamente que nynguem lho nom tolhya». Despeitado, o fidalgo português «se aleuamtou e sahyo da casa omde elrey estava logo rompemdo o seu aluara de fylhamento e os pedaços deytou da mao».<sup>63</sup>

Pouco depois, como é sabido, Magalhães abandonaria Portugal para sempre, dirigindo-se a Sevilha, para se colocar ao serviço de Carlos I. Ainda na versão de Gaspar Correia, «vynha a o syrujr como ao mayor principe do mundo que hera», pois «sabya mujto da arte esperya e nas cousas do mar».<sup>64</sup> Quando Fernão de Magalhães passou a Espanha, em Outubro de 1517,

<sup>56</sup> A respeito desta expedição, ver João Paulo Oliveira e Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcáides, 1514: No apogeu da presença portuguesa em Marrocos*, Lisboa, Tribuna da História, 2007. Sobre o papel do duque de Bragança, ver Joaquim Chorão Lavajo, “D. Jaime de Bragança e a epopeia de Azamor”, *Callipole*, n. 1, 1993, pp. 9-19.

<sup>57</sup> Aliás, Magalhães, após a sua ida para Espanha, manteria ligações com os Bragança estabelecidos em Sevilha; ver Gil, *El exilio portugués*, pp. 243-348.

<sup>58</sup> Ver Garcia, *A viagem de Fernão de Magalhães*, pp. 27-29.

<sup>59</sup> Ver F. M. de Sousa Viterbo, *Trabalhos Náuticos dos Portugueses nos Séculos XVI e XVII*, ed. José Manuel Garcia, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988, pt. II, p. 227.

<sup>60</sup> Sobre Haro, personagem que mereceria um estudo aprofundado, ver Louise Bénat-Tachot (a quem agradeço o envio deste artigo), “Cristóbal de Haro, un marchand judéo-convers entre trois mondes au XVIe siècle ou le défi d’une ‘globalisation’ avant l’heure”, in Esther Benbassa (ed.), *Les Sépharades: Histoire et culture du Moyen Âge à nos jours*, Paris, Presses de l’Université Paris-Sorbonne, 2011, pp. 135-160; ver também Gil, *El exilio portugués*, pp. 252-254.

<sup>61</sup> Ver Barros, *Da Ásia*, vol. V, pp. 622-631 (década III, liv. V, cap. 8), que se refere em pormenor a esta questão.

<sup>62</sup> *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo acerca das Navegações e Conquistas Portuguezas*, ed. José Ramos-Coelho, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892, p. 432 (carta de 18-07-1519 a el-rei D. Manuel I). Sobre a moradia que Magalhães recebia, ver Garcia, *A viagem de Fernão de Magalhães*, pp. 28-30.

<sup>63</sup> Gaspar Correia, *Crónicas de D. Manuel e de D. João III (até 1533)*, ed. José Pereira da Costa, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1992, p. 200.

<sup>64</sup> Correia, *Crónicas*, p. 200.

teria uns trinta e tal anos, e era um homem com larga experiência náutica e militar. Efetuara extensas e numerosas viagens marítimas, atravessando o Atlântico e cruzando todos os mares orientais, e participara em repetidas campanhas militares um pouco por todo o Oriente, e também no norte de África. Adquirira um importante cabedal de conhecimentos sobre a navegação oceânica e sobre os espaços geográficos ultramarinos que estavam a ser explorados pelos portugueses. E tivera ocasião de conviver com pilotos, cartógrafos e geógrafos, absorvendo muito do seu saber inovador. Entretanto, o experiente navegador português trazia na bagagem algumas «cartas, e pomas de marear», baseadas nas mais recentes explorações e especulações da cartografia lusitana.<sup>65</sup> Era, sem dúvida, um homem bem preparado para encabeçar um projecto inovador, de navegação para o Oriente pela via ocidental. Mas isso são outras histórias, que não há agora espaço para analisar.

Resta apenas destacar mais uma hipótese de trabalho. Não é de todo impossível que Cristóbal de Haro –que coincidentemente também abandonou Portugal na mesma conjuntura, igualmente insatisfeito com a resposta de el-rei D. Manuel às suas solicitações– fosse o primeiro responsável pela partida de Fernão de Magalhães para Espanha, como de resto já foi sugerido.<sup>66</sup> O financeiro e mercador burgalês, impedido agora de participar nos ricos negócios asiáticos dos portugueses, seria o primeiro interessado em encontrar uma forma alternativa de aceder às *ilhas das especiarias*. E identificara Fernão de Magalhães como o homem certo para levar a cabo o projecto espanhol, acalentado há mais de duas décadas, de abrir uma rota ocidental para o Oriente. O que daria inteira razão a Juan Gil, que há anos viu «el viaje de Magallanes como un triunfo de la Banca burgalesa».<sup>67</sup>

<sup>65</sup> Barros, *Da Ásia*, vol. V, p. 629 (década III, liv. V, cap. 8). A respeito da cartografia da viagem magalhânica, ver Antonio Sánchez Martínez, “De la ‘cartografía oficial’ a la ‘cartografía jurídica’: la querrela de las Molucas reconsiderada, 1479-1529”, *Nuevo Mundo / Mundos Nuevos*, 2009, <http://nuevomundo.revues.org/56899> [acesso em 12-09-2017]; e também Alison Sandman, “Spanish Nautical Cartography in the Renaissance”, in David Woodward (ed.), *History of Cartography - Volume Three: Cartography in the European Renaissance (Part 1)*, Chicago / Londres, The University of Chicago Press, 2007, pp. 1095-1142 (especialmente pp. 1111-1116).

<sup>66</sup> Juan Gil, *Mitos y utopías del Descubrimiento*, 3 vols. Madrid, Alianza Editorial / Sociedad Quinto Centenario, 1989, vol. II, pp. 13-20. Ver também Jerry Brotton, *Trading Territories: Mapping the early modern world*, Londres, Reaktion Books, 1997, pp. 119-126.

<sup>67</sup> Gil, *Mitos y utopías*, vol. II, p. 14.

## Resumos / Palavras-chave

**Resumo:** Os anos espanhóis da vida de Fernão Magalhães estão extremamente bem documentados, pois associam-se à primeira viagem de circum-navegação do globo terrestre, um dos eventos mais marcantes do século XVI. O mesmo não se passa com o período anterior a 1517, passado em Portugal e nos seus espaços ultramarinos. O presente texto aponta para o lado obscuro do percurso do grande navegador, tentando traçar um quadro sintético, informado e atualizado da biografia de Magalhães antes da sua chegada a Espanha.

**Palavras-chave:** Fernão de Magalhães; Francisco Serrão; Portugal; Estado da Índia; século XVI.

**Abstract:** The Spanish years of the life of Magellan are extremely well documented, as they are associated with the first circumnavigation of the terrestrial globe, one of the most remarkable events of the sixteenth century. The same is not true of the period prior to 1517, spent in Portugal and its overseas territories. This text points to the obscure side of the great navigator's career, trying to draw a synthetic, informed and updated picture of Magellan's biography before his arrival in Spain.

**Key-words:** Ferdinand Magellan; Francisco Serrão; Portugal; Portuguese State of India; sixteenth century.

**Resumen:** Los años españoles de la vida de Hernando de Magallanes están extremadamente bien documentados, pues se asocian al primer viaje de circunvalación del globo terrestre, uno de los eventos más relevantes del siglo XVI. El mismo no pasa con el período anterior a 1517, pasado en Portugal y en sus espacios ultramarinos. El presente texto apunta al lado oscuro del recorrido del gran navegador, intentando trazar un cuadro sintético, informado y actualizado de la biografía de Magallanes antes de su llegada a España.

**Palabras clave:** Hernando de Magallanes; Francisco Serrão; Portugal; siglo XVI; Estado de la India.

## Bibliografia

*Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo acerca das Navegações e Conquistas Portuguezas*, ed. José Ramos-Coelho, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892

*As Gavetas da Torre do Tombo*, ed. António da Silva Rêgo, 12 vols., Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960-1977

Baião, António, “Fernão de Magalhães: dados inéditos para a sua biografia”, *Arquivo Histórico Português*, vol. III, 1905, pp. 304-312

- Baião, António, *Documentos inéditos sobre João de Barros, sobre o escritor seu homónimo contemporâneo, sobre a família do historiador e sobre os continuadores das suas "Décadas"*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1917
- Barros, Amândio Morais, *A Naturalidade de Fernão de Magalhães*, Porto, Edições Afrontamento, 2009
- Barros, João de, Da Ásia, ed. Nicolau Pagliarini, 8 vols., Lisboa, Livraria Sam Carlos, 1973
- Barros, Dr. João, *Libro das antiguidades e cousas notaveis de antre Douro e Minho, e de outras m[u]ltas de España e Portugal*, Biblioteca Nacional de Portugal, Códice 216, <http://purl.pt/26460>
- Barros, João de, *Geographia d'Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes*, ed. João Grave & outros, Porto, Biblioteca Pública Municipal, 1919
- Bénat-Tachot, Louise, "Cristóbal de Haro, un marchand judéo-convers entre trois mondes au XVIe siècle ou le défi d'une 'globalisation' avant l'heure", in Esther Benbassa (ed.), *Les Sépharades: Histoire et culture du Moyen Âge à nos jours*, Paris, Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2011, pp. 135-160
- Brotton, Jerry, *Trading Territories: Mapping the early modern world*, Londres, Reaktion Books, 1997
- Cartas de Afonso de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam*, ed. R. A. Bulhão Pato & Henrique Lopes de Mendonça, 7 vols., Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1884-1935
- Castanheda, Fernão Lopes de, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, ed. Manuel Lopes de Almeida, 2 vols., Porto, Lello & Irmão, 1979
- Correia, Gaspar, *Lendas da Índia*, ed. Manuel Lopes de Almeida, 4 vols., Porto, Lello & Irmão, 1975
- Correia, Gaspar, *Crônicas de D. Manuel e de D. João III (até 1533)*, ed. José Pereira da Costa, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1992
- Cortese, Armando, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1978
- Costa, João Paulo Oliveira e & Rodrigues, Vítor Luís Gaspar, *A Batalha dos Alcaides, 1514: No apogeu da presença portuguesa em Marrocos*, Lisboa, Tribuna da História, 2007
- Costa, João Paulo Oliveira e & Rodrigues, Vítor Luís Gaspar, *Conquista de Goa, 1510-1512*, Lisboa, Tribuna da História, 2008
- Dantas, Irene da Silva, *Entre Memórias: a questão da naturalidade de Fernão de Magalhães*, Braga, Universidade do Minho, 2012
- Documentos sobre os Portugueses em Moçambique e na África Central*, ed. António da Silva Rêgo & outros, 9 vols., Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos / Instituto de Investigação Científica Tropical, 1962-1989
- Fernández de Figueroa, Martín & Agüero de Trasmira, Juan, *Conquista de las Indias de Persia e Arabia que hizo la armada del rey don Manuel de Portugal*, ed. Luis Gil, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1999
- García, José Manuel, *A viagem de Fernão de Magalhães e os portugueses*, Lisboa, Editorial Presença, 2007
- García, José Manuel, *O Livro de Francisco Rodrigues: O Primeiro Atlas do Mundo Moderno*, Porto, Editora da Universidade do Porto, 2008
- Gil, Juan, *Mitos y utopías del Descubrimiento*, 3 vols., Madrid, Alianza Editorial / Sociedad Quinto Centenario, 1989
- Gil, Juan, *El exilio portugués en Sevilla: De los Braganza a Magallanes*, Sevilla, Fundación Cajasol, 2009
- Gonçalves, Maria Paula Anastácio, *A Senhora Duquesa e o Pajem: Um Caso de Adultério na Aristocracia Quinhentista*, Lisboa, Chiado Editora, 2013
- Guinote, Paulo, Frutuoso, Eduardo & Lopes, António Lopes, *As Armadas da Índia, 1497-1835*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2002
- Joyner, Tom, *Magellan*, Camden, ME, International Marine Publishing, 1992
- Lagoa, Visconde de, *Fernão de Magalhães (A sua vida e a sua viagem)*, 2 vols., Lisboa, Seara Nova, 1938
- Lavajo, Joaquim Chorão, "D. Jaime de Bragança e a epopeia de Azamor", *Callipole*, n. 1, 1993, pp. 9-19
- Le voyage de Magellan: La relation d'Antonio Pigafetta et autres témoignages*, ed. Xavier Castro, Jocelyne Hamon & Luís Filipe Thomaz, 2 vols., Paris, Éditions Chandeigne, 2007
- Leonardo de Argensola, Bartolomé, *Conquista de las islas de Maluco*, Madrid, Alonso Martín, 1609
- Leonardo de Argensola, Bartolomé, *Conquista de las Islas Malucas*, ed. Glória Cano, Madrid, Miraguano Ediciones / Ediciones Polifemo, 2010
- López de Gómara, Francisco, *Historia General de las Indias*, ed. Pilar Guibeleide & Emiliano M. Aguilera, 2 vols., Barcelona, Editorial Iberia, 1965
- Loureiro, Rui Manuel, "O Sudeste Asiático na Suma Oriental de Tomé Pires", *Revista de Cultura / Review of Culture*, n. 4, 2002, pp. 107-123
- Mayr, Hans, "Viagem e cousas de dom Francisco visor rey da Índia", in *Códice Valentim Fernandes*, ed. José Pereira da Costa, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1997, pp. 344-361
- Monteiro, Armando Saturnino, *Batalhas e Combates da Marinha Portuguesa*, 8 vols., Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1989-1997
- Pelúcia, Alexandra, *Afonso de Albuquerque: Corte, Cruzada e Império*, Lisboa, Temas & Debates, 2016
- Pissarra, José Virgílio Amaro, *Chaul e Diu, 1508 e 1509: O Domínio do Índico*, Lisboa, Prefácio, 2002
- Rosa, Maria de Lurdes, "D. Jaime, Duque de Bragança: Entre a Cortina e a Vidraça", in Diogo Ramada Curto (ed.), *O Tempo de Vasco da Gama*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses / Difel, 1998, pp. 319-332
- Sánchez Martínez, Antonio, "De la 'cartografía oficial' a la 'cartografía jurídica': la querrela de las Molucas reconsiderada, 1479-1529", *Nuevo Mundo / Mundos Nuevos*, 2009, <http://nuevomundo.revues.org/56899>
- Sandman, Alison, "Spanish Nautical Cartography in the Renaissance", in David Woodward (ed.), *History of Cartography - Volume Three: Cartography in the European Renaissance (Part 1)*, Chicago / Londres, The University of Chicago Press, 2007, pp. 1095-1142
- Silva, Joaquim Candeias, O Fundador do "Estado Português da Índia" D. Francisco de Almeida, 1457(?) - 1510, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses / Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1996
- Sousa, Ivo Carneiro, *A Rainha D. Leonor (1485-1525): Poder, Misericórdia, Religiosidade e Espiritualidade no Portugal do Renascimento*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002
- Thomaz, Luís Filipe, *Early Portuguese Malacca*, trad. Manuel Joaquim Pintado & Maria Pia Mozart Silveira, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses / Instituto Politécnico de Macau, 2000
- Valière, Pierre, *Le voyage de Magellan raconté par un homme qui fut en sa compagnie*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1976
- Varthema, Ludovico de, *Voyage de Ludovico di Varthema en Arabie et aux Indes orientales (1503-1508)*, trad. Paul Teyssier / ed. Luís Filipe Thomaz, Gilles Tarabout, Paul Teyssier & Gérard Troupeau, Paris, Éditions Chandeigne, 2004
- Villas-Boas, Manuel, *Os Magalhães: Sete séculos de aventura*, Lisboa, Editorial Estampa, 1998
- Viterbo, F. M. de Sousa, *Trabalhos Náuticos dos Portugueses nos Séculos XVI e XVII*, ed. José Manuel Garcia, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1988

